

## **Cadernos de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie**

Os Cadernos de Pós-Graduação visam veicular textos técnico-científicos relevantes e de interesse da comunidade acadêmica em geral.

As matérias contidas nos Cadernos de Pós-Graduação podem ser livremente reproduzidas, solicitando-se, neste caso, menção à fonte e remessa de cópia da reprodução.

Os autores de textos incluídos nos Cadernos de Pós-Graduação, gentilmente, consentiram na respectiva divulgação de maneira graciosa e, portanto, sem incidência de direitos autorais.

Fica, contudo, reservado aos autores o direito de publicar seus trabalhos em outros meios de comunicação, de conformidade com o original, ampliado, resumido ou alterado, independente de qualquer solicitação aos editores dos Cadernos de Pós-Graduação.

2002 – Ano do Cinquentenário da Universidade Presbiteriana Mackenzie  
132 anos da Fundação

# **Cadernos de Pós-Graduação**

**A Universidade Presbiteriana Mackenzie  
no período de julho de 1997  
a novembro de 2002:  
retrospectiva da gestão Cláudio Lembo**

PÓS-GRADUAÇÃO

**M**

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

**9**



2002

**DISCURSO DO PROFESSOR  
CLÁUDIO LEMBO,  
PROFERIDO POR OCASIÃO DA POSSE NO  
CARGO DE VICE-REITOR DA  
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**Agosto de 1994**

O ato de posse nos cargos diretivos superiores da Universidade Mackenzie representa elo entre passado rico em história, tradições e princípios com futuro predestinado a altiplanos sempre mais significativos.

As individualidades se inserem, neste caso, em cenário de contornos nítidos, em que posições profissionais apontam com traços precisos os objetivos e as metas dispostos e almejados para o futuro.

Raras instituições, no Brasil, têm origem tão nítida e destinação tão precisa quanto a Universidade Mackenzie.

Quando os primeiros missionários presbiterianos, de origem norte-americana, começaram a chegar ao Brasil, na última metade do século XIX, traziam em suas mãos exemplar da Bíblia e, em suas consciências, valores testados em sua terra de origem que definiram suas futuras atuações aqui em nosso país.

Vinham de uma sociedade que conhecera a dolorosa Guerra de Secessão, quando irmãos combateram contra irmãos, em busca da liberdade de todos.

Partiam de uma terra que viu a chegada dos peregrinos puritanos em sua costa Leste, trazendo a missão de conceber uma sociedade predestinada à glória.

Acreditavam nas pessoas. Tinham ciência da importância da fé e das práticas individuais. Apresentavam mentes convencidas e corações entusiasmados que se refletiam em suas condutas individuais. Traziam, em suas consciências, religião que predispõe a movimentos de afirmação, dentro da lei, o que os levava a pregar o individualismo, enquanto valorização dos atributos específicos de cada pessoa.

Esses pregadores encontraram, no Brasil, clima propício a seus posicionamentos. A elite econômica e política estava exausta do hermetismo existente na sociedade. Ele bloqueava o progresso e impedia o surgimento de novos segmentos econômicos.

Apenas duas classes se apresentavam no cenário social da época: as oligarquias rurais, estendendo sua atuação à atividade mercantilista de exportação de bens primários e importação de manufaturados, e a imensa legião de escravos. Entre esses dois segmentos sociais indicados, estreita faixa de apaniguados, representada pelos burocratas e empregados urbanos, se acomodava, destituída, contudo, de expressão econômica ou política.

Naquele momento, a hegemonia religiosa concedida ao catolicismo começava a sofrer erosão. Roma passa a exigir de seus adeptos total subordinação, originando-se dessa nova concepção de domínio mental e político a Questão Religiosa, assunto que motivou profunda crise política nos estertores do Império brasileiro.

A Questão Religiosa, ocorrida nos anos 70 do século XIX, evento pouco analisado pelos historiadores, mas de importância política em nossa História, reflete situações externas no cenário político brasileiro.

Os bispos romanos, envolvidos na chamada Questão Religiosa, espelhavam as diretrizes impostas pelo Concílio Vaticano I, que

se desenvolveu no pontificado de Pio IX e concebeu a Encíclica *Quanta Cura* (1864), na qual, em extenso texto paralelo, se arroslam posições antagônicas à modernidade, condenando-a.

Concomitantemente, nesse mesmo Concílio deu-se a proclamação do dogma atinente à “infallibilidade do Papa”.

Inicia-se, como consequência das resoluções do citado Concílio, a intervenção do papado nos assuntos da hierarquia interna, rompendo séculos de padroado, que dava ao Estado brasileiro a possibilidade de atuar em assuntos burocráticos da religião oficial do Império.

Os novos posicionamentos da hierarquia romana causaram profunda repulsa por toda a parte e não menor no Brasil. Demonstravam espírito contrário ao moderno e se opunham à liberalização das sociedades e, como via de consequência, impunham obstáculos ao progresso, buscando a preservação do universo medieval de natureza orgânica.

Nesse cenário chegaram pregadores ao Brasil e, entre eles, presbiterianos de origem norte-americana. Encontraram clima favorável a seus posicionamentos e iniciativas. Chegavam com novas visões do ensino. Afastavam-se da avoenga escolástica imposta à juventude, com seus ranços retóricos e nenhuma dedicação às ciências exatas. Pregavam a conquista da liberdade de consciência e política. Defendiam os princípios republicanos e o pluralismo religioso no interior de uma monarquia constitucionalmente católica.

Os pregadores presbiterianos indicavam às mentes a exigência de crescente conhecimento e domínio da natureza para se buscar a dignidade das pessoas e o desenvolvimento individual, demonstrando a cada um que este é sinal de um mundo melhor, ga-

rantido pela confiança de cada um em si mesmo e pelo progresso da humanidade.

Proclamavam, resumindo, “o espírito da civilização moderna”, tão distante das mentes brasileiras de então e que pode ser registrado em cinco pontos:

- 1 o desejo de secularização progressiva da sociedade;
- 2 a promoção das massas em prejuízo das elites hierarquizadas;
- 3 a liberação do espírito, em nome do progresso científico, preservando-se o respeito à autoridade;
- 4 a separação entre a religião e os assuntos de Estado;
- 5 a convicção da contínua evolução da sociedade.

Esses princípios permitiram novas técnicas e formas de estudar a Bíblia e disposição permanente para ajustar a fé aos descobrimentos científicos, devendo-se, ainda, aliar a esses valores constante preocupação pelos problemas sociais, sem visão paternalista.

Esta Universidade Mackenzie, a partir da Escola Americana, nasceu nesse contexto, fortemente emoldurada por nova cosmovisão, na qual se respeitava a autoridade, advinda de escolha dos superiores por colegiados, mas se contestava a hierarquia imposta por concepções absolutistas.

Para aqueles novos educadores, o indivíduo passava a ser centro de atuação e não mero número em universo predisposto de acordo com a intenção de um ou alguns.

As diretrizes da consciência individual substituíram as determinações externas de acentuado dogmatismo.

Nas mãos de cada um coloca-se a Bíblia, e sua leitura passa a se constituir em ato pessoal e, portanto, direto, sem intermediações deformadoras de conteúdo e capazes de preservar interesses e privilégios.

O inconformismo perante essa nova mundovisão foi intenso e se apresentou, em graus diversos, por toda parte. Verificou-se um misto de temor e respeito em segmentos amplos da sociedade brasileira. Mas, com o transcorrer do tempo, dentro de uma atitude plural e, portanto, não exclusivista, própria do agir da Reforma, espaços foram conquistados, gerando salutar emulação entre díspares posicionamentos religiosos.

Esta Universidade, em seu quase século e meio de existência, desde suas origens remotas, soube preservar os princípios de seus instituidores. Aqui, a tolerância, mediante a preservação de valores inafastáveis, se apresenta constante. Todos convivem harmoniosamente, em seu *campus*, graças ao respeito às mais diferentes concepções filosóficas, políticas e religiosas.

As pessoas são respeitadas em suas individualidades, sempre que buscam em suas atividades alcançar os objetivos coletivos. O ensino se renova continuamente, sem temor do novo, nesta Universidade. Os avanços se realizam sem convulsões, pois apoiados na vontade coletiva de progresso e preservação de valores. Nada é afoitamento concebido. Todo o agir é produto de meditação. Nada se dissipa. Tudo se conserva, renovando-se.

O próprio *campus* da Universidade Mackenzie é retrato vivo dessa forma de atuar. Preserva-se e renova-se, permitindo às gerações mackenzistas a manutenção de pontos de referência, a simbolizar liame entre o passado, o presente e o futuro. O passado e o presente conhecemos e nos orgulhamos de seus traços fortes. Indicam modernidade permanente. Cabe-nos prever o futuro.

As novas técnicas exigem novos equipamentos. O Instituto Mackenzie tem demonstrado sensibilidade às inovações indicadas pela Universidade que mantém.

Uma universidade, no entanto, não se baseia tão-somente em equipamentos. Parcela ponderável de seu prestígio, na sociedade, advém de seu corpo docente. Docentes qualificados transmitem a seus alunos ensinamento diferenciado. Professores atualizados permitem ao alunato aferir a importância de novas conquistas científicas e antever novas práticas.

Ora, se assim é, cabe-nos dedicar tempo e esforço na ampliação da excelência de nossos mestres. Os trabalhos do segmento de Pós-Graduação devem merecer especial atenção e continuado acompanhamento pela Administração Superior da Universidade Mackenzie.

É exigência da contemporaneidade a qualificação constante das personalidades, e esta exigência se projeta ainda mais nítida no cenário do ensino. O educador deve se auto-exigir aprendizado permanente. É da essência do saber o inconformismo com as próprias limitações.

As pessoas devem almejar sempre maior conhecimento. As possibilidades de aprendizado indicam o infinito.

A Pós-Graduação, em suas várias modalidades, é espaço destinado a permitir que as conquistas intelectuais de natureza individual sejam repassadas para o conjunto de docentes, visando ampliar horizontes. Nela, busca-se a excelência.

A Universidade Mackenzie, preservando imagens e figurantes, ao conferir posse aos novos titulares do vértice de sua estrutura acadêmica, continuará a estimular a ampliação de seus cursos de

Pós-Graduação, permitindo, assim agindo, a permanente melhoria da qualidade de sua graduação, acentuando-lhe a qualificação acadêmica sem prejuízo de seu tradicional traço pragmático.

Neste ato de posse, na Vice-Reitoria de nossa Universidade Mackenzie, no desempenho das missões especiais que me foram confiadas, reafirmo meu constante propósito de manter os princípios e as tradições transmitidos pelos pregadores-fundadores desta Instituição. Eles foram portadores da Boa Nova, que nos cumpre cotidianamente lembrar e afirmar.

Os pregadores legaram a cada integrante desta Universidade Mackenzie os sadios princípios da Ética da Responsabilidade e da Ética do Trabalho. Cumpre-nos preservá-los.

A Deus, pedimos bênçãos para a tarefa.

**DISCURSO DO PROFESSOR  
CLÁUDIO LEMBO,  
PROFERIDO POR OCASIÃO DA POSSE NO  
CARGO DE REITOR DA  
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**28 de julho de 1997**

Quando os Pais Fundadores desta Universidade partiram do Hemisfério Norte, traziam em suas consciências duas nítidas vertentes de pensamento. Na visão espiritual, a certeza conferida pelas Escrituras, e no espaço profano a convicção advinda das novas formas de transmissão do conhecimento, apoiadas na autoridade da razão e da experiência prática.

Confiavam no princípio sintetizado na expressão latina, cunhada por Calvino, que proclama *sola Scriptura*, somente a Escritura, e declaravam a necessidade de conceder a toda a gente os instrumentos que conduzem a um contínuo progresso espiritual e material.

Deus concedeu à humanidade a natureza para que a sua obra infundável prosseguisse. Nada impede a busca do conhecimento. Mulheres e homens unidos, como parceiros permanentes, se constituem em continuadores da obra Divina.

Sabiam os Pais Fundadores desta Universidade Mackenzie que toda realização humana deve buscar a perfeição, pois visa à glória de Deus. Baseados nesses princípios romperam preconceitos.

Mulheres e homens passaram a conviver nas mesmas classes de aula e, irmanados, a participar das arenas dos múltiplos esportes.

As aulas proferidas pelo antigo método escolástico se transformaram em diálogos em que a busca do novo se encontrava sempre presente.

Avançaram ainda mais os Pais Fundadores desta Universidade. Basearam-se no princípio da tolerância e, nele suportados, introduziram, em uma sociedade oligárquica e fechada, moldada na longa história colonial brasileira, a convivência entre as várias etnias e diferentes religiões. Adeptos de todas as religiões convivem sobre o solo mais que centenário do *campus* desta Universidade. Cidadãos livres e libertos aqui entrelaçaram suas mentes e apertaram suas mãos, em gestos identificados da igualdade entre as raças.

Aqui não se respeita narcisismo.

Este é o breve registro histórico da Universidade Mackenzie nos albores do novo milênio.

Convicta da importância da aliança da obra Divina com a humana, esta Universidade confia em seu progresso e no aprimoramento de seus métodos de transmissão de conhecimento no decorrer do século XXI.

Rompeu a hegemonia religiosa presente nos anos do Império brasileiro. Caminhou além do Estado Novo, que exigiu a quebra de seus vínculos com instituições norte-americanas de ensino. Venceu falsos preconceitos surgidos nos tumultuados anos finais da década de 60, advindos de sua incansável dedicação à liberdade e ao pluralismo do pensamento.

Ainda porque educação sem liberdade é impossível.

Uma Universidade detentora dessa história deve se apresentar convicta de sua capacidade de aceitar os desafios das mudanças estruturais presentes na sociedade contemporânea.

Ainda porque, pioneira no cenário da engenharia, vanguardeira no campo da arquitetura, avançada na área das ciências exatas, primorosa no campo humanístico, dedicada no espaço da biologia, competente na arena da tecnologia, a Universidade Mackenzie aceita desafios e os supera.

Aqui, há “tradição e pioneirismo na educação”, segundo a bem elaborada idéia-força de autoria do reverendo Guilhermino Cunha, presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Este cenário torna esta Universidade confiante e capaz de definir com nitidez seus futuros objetivos.

Seus corpos discente e docente conhecem a irreversibilidade da globalização da economia, mas consideram dever de brasilidade permanecer fiéis a valores culturais locais e às práticas do civismo. O civismo permite a concepção de uma cidadania reta, na qual a civilidade se apresenta como traço diferencial, permitindo a troca de pensamento sem censura e sem dogmatismos. A autoridade sempre merece respeito, salvo quando se apresenta de maneira opressora ou corrupta. Nestes casos deve ser deposta, ensinam os princípios filosóficos e teológicos que formam esta Universidade.

Assim é a Universidade Mackenzie.

Não é uma comunidade somente. É a soma de várias comunidades representadas por suas múltiplas unidades, cada uma ostentando personalidade distinta e de conformidade com o espaço de atuação a que se dedica.

Mas, em seu todo, esta Universidade é uma comunidade devotada à preservação e ao avanço do conhecimento, à procura da verdade e ao prazer da realização dos poderes intelectuais

de cada pessoa, tomando-a cidadã responsável e profissional de ética irrepreensível.

Aqui, nesta comunidade de estudos, enraizada no pensamento herdado de seus Pais Fundadores, aqueles missionários presbiterianos desembarcados nos meados do século XIX nos portos brasileiros, entende-se que alunos e professores se apresentam como recíprocos e permanentes aprendizes. Daí, a partir desse forte traço de humildade, surge a convicção da permanente expressão da Universidade Mackenzie no espaço brasileiro de ensino, pesquisa e extensão.

Nada nos deterá.

Como novo Reitor da Universidade, depositário transitório de tão rica herança, tomando a voz do salmista declamo:

*Preservem-me a sinceridade e a retidão (25,2 1)*

e tudo o mais se converterá em vitória coletiva.

Estou convicto.

## Referências

ELWELL, Walter A. *Enciclopédia histórico-teológico da Igreja cristã*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1993.

GEROGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1994.

HONDERICH, Ted. *The Oxford companion to philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

PÁDUA, Marsílio de. *O defensor da paz*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHLENSINGER, H.; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SINI, Carlo. *I filosofi e le opere*. Milano: Principato Editore, 1988.

WOLFF, Robert Paul. *O ideal da universidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.



**DISCURSO DO PROFESSOR  
CLÁUDIO LEMBO,  
PROFERIDO POR OCASIÃO DA POSSE NO  
CARGO DE REITOR DA  
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE,  
EM SEU SEGUNDO MANDATO**

**29 de junho de 2000**

Esta cerimônia de investidura das figuras centrais desta instituição, em seus cargos, atinge patamares superiores ao elevado cenário desta sessão solene.

Os que, hoje, recebem da Igreja Presbiteriana do Brasil a incumbência de prosseguir a obra de nossos antepassados, iniciada há cento e trinta anos, possuem consciência nítida e precisa da responsabilidade que assumem.

A posse em cargos universitários, em instituição confessional, exige a reflexão sobre o significado do acontecimento e de seus fundamentos.

Aqui estamos como efeito direto da predestinação, que governa nossos atos e conduz nossas vidas.

Cumpre-nos, pois, abandonar quaisquer traços de soberba e, interiorizando nosso pensamento, captar a efetiva natureza dos postos eletivos e de direção ora assumidos, exercendo-os com zelo e um viver frugal.

Os empossados, em cargos diretivos, são meros agentes da Vontade Superior e, nesta condição, devem se dedicar à vida ativa com retidão e distantes da ociosidade.

Necessitam possuir plena consciência da posição de simples administradores de bens confiados transitoriamente a sua guarda e que estes bens precisam ser ampliados e qualificados, na busca de colher a exterioridade da inclusão de seus nomes no grupo dos eleitos.

Consciente destas emanções, advindas das raízes teológicas reformadas, agradeço ao Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, associado vitalício, na pessoa de seu Presidente, Reverendo Guilhermino Cunha, e à Assembléia do Instituto Presbiteriano Mackenzie, entidade mantenedora, na figura de seu Presidente, Doutor Humberto Araújo, a minha recondução ao elevado cargo de Reitor.

Após estes registros, cabe breve retrospectiva dos últimos três anos da História de nossa Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Preservaram-se os valores herdados dos antigos.

Efetuaram-se as mudanças necessárias.

Nada se manteve estático.

Os solidários foram reconhecidos, os omissos afastados da empreitada de bem servir a comunidade.

Hoje, a Universidade Presbiteriana Mackenzie oferece estrutura contemporânea e conta com instrumentos eficientes de administração acadêmica e avaliação de resultados.

Tudo foi analisado.

O bom conservado.

O equivocado alterado por força do trabalho coletivo, em mutirão de abnegados que, pelo esforço individual, permitiram emergir a presença predestinada desta Universidade no cenário acadêmico.

Mestres qualificados foram agregados ao bom corpo docente, tornando-o excelente.

Novos cursos concebidos, respondendo às solicitações da sociedade e a filosofia da Instituição.

A extensão, a pesquisa e a investigação científica, hoje, se realizam, em nossos *campi*, a partir de instalações apropriadas e mediante o manejo de instrumental de ponta.

Dialoga-se com a comunidade científica internacional.

Nossas bibliotecas conheceram a ampliação de seus acervos e instalações.

Novos espaços físicos foram agregados ao velho, tradicional e histórico *campus* de Higienópolis.

Os limites do município de São Paulo foram rompidos.

O *campus* de Tamboré é realidade impulsionada pela vontade coletiva.

São conquistas expressivas que permitem tornar a Mackenzie contemporânea do novo Século e participe do milênio que se anuncia.

Estas conquistas se apresentam como nítidos sinais da predestinação que rege nossa Instituição.

Elas foram importantes.

Fundamental se apresenta, no entanto, neste alvorecer de milênio, a clara identidade confessional da Instituição.

Não somos um mero instituto de ensino superior.

Passamos a ser, nestes últimos três anos, uma Universidade identificada por sua confissão religiosa e este acontecimento exige de cada um dos integrantes do vértice diretivo e do corpo docente ainda maior empenho, pois não se encontram no exercício de meros cargos.

Em atendimento a desígnios, dirigentes e professores são pessoas escolhidas para cumprir a elevada função de educar.

Esta condição – instituição confessional – impõe a obrigação de preservar valores inerentes à Universidade Presbiteriana Mackenzie e ofertados pelos primeiros missionários fundadores.

Aqui, no decorrer do tempo, a liberdade e a responsabilidade permitiram proclamar e preservar a dignidade das pessoas e incentivar o convívio das diversidades de todos os matizes, transformando as diferenças em cadinho de comunhão, onde a convivência se desenvolve harmoniosa.

Antes, os filhos de cristãos republicanos se agasalharam nos edifícios de colorido vermelho de nosso *campus*.

Depois, chegaram os libertos de 88.

Nos anos trinta, os primeiros judeus.

Nos tempos atuais, asiáticos de várias origens e muçulmanos dos diversos povos.

Todos convivem harmonicamente nesta Universidade.

Aqui, na trajetória no tempo, a pluralidade não se apresenta como figura de retórica.

É vivida e oferecida como exemplo da excelência da igualdade cívica, exatamente como professavam os reformados no decorrer do seiscentos.

Caminhamos, pois, no presente, pela boa trilha iniciada pelos nossos antepassados.

Captou-se, nesta senda, o burburinho de nossas cidades e os anseios de nossos alunos em transformar “o viver com o outro”, em comunidade, como algo aprazível e, portanto, diverso da insolidariedade ora presente por toda a parte e geradora de inaudita violência.

Em um universo social, onde a “aparência” é mais importante que o “ser”, os docentes desta Universidade, em mutirão com os discentes, concluíram por criar a cadeira de “Ética e Cidadania”, disciplina a ser oferecida a todos os alunos dos cursos em desenvolvimento.

Quem conhece o bem, o pratica.

Aí a diretriz superior da Ética que conduz à formação de bons cidadãos.

A muitos, este enunciado soará como expressão romântica, em época onde o consumismo ocupa todos os espaços, transformando-se em titular de mentes atomizadas pelo excesso de ofertas e mensagens destituídas de qualquer conteúdo moral.

Não é assim, porém, em uma universidade confessional.

Nossa Universidade Presbiteriana Mackenzie, como sempre em sua longa História, mostra-se contemporânea e, por isto, tem a perfeita visão da necessidade de se formar pessoas retas.

Este atributo – a retidão – transforma as pessoas em bons cidadãos, tal como aconteceu em Genebra, onde a cidadania levou

à participação de todos nos assuntos de governo, gerando o avanço espiritual, político e econômico de toda a comunidade civil.

Titulares desta cosmovisão, o professor e o aluno desta Academia mostram-se diferenciados, aptos e preparados a prosseguir.

Passaram-se cento e trinta anos.

Vencemos situações impostas pelos intolerantes de todos os tempos.

Jamais nos curvamos.

Temos consciência – dirigentes e professores, aos quais agradeço o inestimável apoio outorgado – que trabalhamos em instituição diferenciada e é, por isto, relevante e nobre nossa missão.

A Universidade Presbiteriana Mackenzie, hoje, não é apenas projeção do passado, rememorado sem atitude crítica.

É presente e acredita no futuro.

Neste passo desta solenidade, cumpre-me invocar a Deus que, nestes últimos três anos, ofereceu-me a dignidade do cargo de Reitor, o sofrimento da perda de minha criatura, Cláudio Filho, e, em sua infindável onisciência, conferiu-me o calor de Renéa, Salvador, Suely, Carolina, Cristiana e Isabella.

Como mandatário reeleito, prometo perseverar na busca contínua da plena identificação da natureza predestinada desta Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Declaro-me decidido a prosseguir na obra de organizar, transformar e renovar a Instituição, como forma de proclamar a glória de Deus.

Obrigado.

**PRIMEIRA AULA MAGNA, PROFERIDA  
PELO REITOR CLÁUDIO LEMBO,  
AOS ALUNOS DA  
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
(2º semestre de 2001)**

Sinto-me inibido.

Não consigo oferecer uma fala para cada um dos sete Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, oferecidos por esta Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A minha ciência é pouca e não ocupa todas as áreas do conhecimento.

Torna-se tarefa quase impossível uma mensagem para os integrantes de cada programa.

Mas, todos os programas são constituídos de comunidades de pessoas e as pessoas vivem na *polis* e, portanto, são agentes de cidadania, independente da área do conhecimento a que se dedicam.

Como agentes de cidadania, as pessoas meditam, decidem e agem.

Para meditar, decidir e agir, as pessoas precisam possuir conteúdo humanístico.

O conteúdo humanístico só é possível se adquirido mediante a paciência de ouvir monólogos, a tolerância para participar de diálogos e o hábito solitário de ler.

Aqui estamos para ouvir um monólogo em que, circunstancialmente, coloco-me como difusor de palavras.

Espero que as palavras possuam idéias e as idéias validade para quem as ouve.

Imenso é o oceano de idéias e estas podem ser aproveitadas ou se caracterizarem como vazias de pensamento e, assim, transmutadas em idéias falsas.

O mundo contemporâneo, onde a imagem substitui a idéia, tornou-se inóspito e árido.

As pessoas vêem imagens estáticas e imagens em movimento.

As imagens estão sempre procedendo uma alienação: às vezes de pessoas, outras vezes de coisas, serviços ou ócios.

As pessoas, coisas, serviços ou ócios transformam-se, sem qualquer limite ético, em objetos de consumo.

Tudo por meio das imagens.

As imagens dizem muito, mas as imagens são voláteis.

As imagens passam como as nuvens em migração pelo infinito.

Em determinado momento, nuvens e imagens dissolvem-se.

Daí ser preciso pensar.

Pensar para conduzir e não ser passivo de mera condução.

Vamos tentar pensar sobre um tema: o mundo sem utopia.

Durante séculos, o Ocidente viveu preso à utopia: a terra que não existe.

Assemelhava-se a um louco – como Quixote a ver moinhos – mas avançava.

Imaginou o Ocidente ir além dos vácuos oceânicos e descobriu novas terras.

Quis o profundo dos mares e atingiu o seu objetivo.

Almejou por conquistar a Lua e colocou seus pés sobre o satélite morto.

Sonhou em voar como os pássaros e foi mais alto que qualquer deles.

Só não atingiu o centro da Terra e parece temer esta ousadia.

Meditando e sonhando, para além de suas possibilidades físicas, as pessoas foram capazes de ir muito além dos limites do imaginável.

Esgotaram-se as pessoas, porém.

Já não são capazes de conviver com a utopia.

As pessoas entregaram-se a trocas contínuas.

Poucas vezes, mediante transferência física.

Quase sempre, por mero registro eletrônico.

Tudo que as pessoas tocam vira mero impulso e estes impulsos criam um mundo virtual, próximo do nada, que esconde, cinicamente, a realidade.

A realidade é amarga.

A sociedade é formada por pessoas e as pessoas tendem a se corromperem.

A corrupção individual conduz à coletiva.

A corrupção coletiva fragiliza as comunidades e as comunidades fracas tornam seus membros frágeis.

Como criar a nova utopia?

A nova utopia exige a soma de todas as pessoas e seus aportes de idéias.

A nova utopia não pode ser antevista no futuro.

É paradoxal.

A nova utopia deve se lançar para tempos pretéritos.

Não se quer mais cobrir vácuos oceânicos com grandes navegações.

Não se pensa em voar como os pássaros.

Não se deseja ir à Lua.

Não se imagina atingir o centro da Terra.

A nova utopia deve buscar o retorno aos valores profundos do Ocidente.

As lições dos sábios judeus, os avanços árabes nas ciências, a visão cívica dos gregos, os ensinamentos jurídicos dos romanos, as reflexões dos padres da Igreja, a individualidade emergida na Renascença, as conquistas da Reforma, as revoluções inglesa, americana e francesa com seus sofrimentos e princípios, deixaram uma herança de valores éticos hoje dilapidados por inúmeras gerações de exterminadores.

Não pode ser assim.

O consumismo corrói o caráter das pessoas e torna as almas hospedeiras do perigoso vírus da incoseqüência.

Já não se preserva a natureza.

Já se abandonam os mortos.

Já se consome a alma em perspectiva finita.

Já não se honra o Eterno.

Uma sociedade, nesta caminhada, se autoconsumirá.

Conduzirá à luta entre irmãos e esta atitude fratricida a todos aniquilará.

É canibalismo torpe e sem objetivo.

É a destruição do outro por mero deleite.

Voltemos à utopia!

Uma utopia singular: é preciso retornar ao passado e à reflexão sobre o Direito Divino e o Direito Natural.

O Direito posto pelo Estado já não contempla o dia-a-dia de cada um e não contém a segurança para o devenir.

Concito, pois, as pessoas que formam os cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* a criarem grupos interdisciplinares para a reflexão sobre o passado e seus valores e que estes valores possam ser reproduzidos no presente.

Esta será a imponderável contribuição de cada um dos integrantes dos Programas de Pós-Graduação, dos grupos a se formarem e, assim, por via de conseqüência, de nossa Universidade Presbiteriana Mackenzie, no limiar de seu cinquentenário.

Minha mensagem, no átrio do Segundo Semestre do Ano Acadêmico de 2001, é a reprodução de espaços de minhas vivências ao longo de uma existência, onde convivi com bons e com maus e constatei que o bem sempre triunfa.